Master Negative Storage Number

OCI00048.33

Testamento de um soldado

Rio de Janeiro

1875

Reel: 48 Title: 33

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number:OCI00048.33

Control Number: ABJ-0412
OCLC Number : 07562333
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 2
Title : Testamento de um soldado : acompanhado da historia de sua vida, tormentos e companhas e de sua fingida, morte e fuga do hospital, seguido de annotações / por un homem muito original.
Imprint : Rio de Janeiro : A venda na livraria de A.T. de Castro Dias, 1875.
Format : 15 p. ; 19 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.
Added Entry : Castro Dias, A. T. de.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9.29.94
Camera Operator: CS

TESTAMENTO DE UM SOLDADO

ACOMPANHADO

DA HISTORIA DE SUA VIDA, TORMENTOS E CAMPANHAS E DE SUA FINGIDA, MORTE E FUGA DO HOSPITAL, SEGUIDO DE ANNOTAÇÕES

POR UM HOMEM MUITO ORIGINAL

RIO DE JANEIRO
A' venda na livraria de A. T. de Castro Dias
154 Rua das Violas 154
1875

W
381.5698
P8383
no. 2

CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

JOHN G. WHITE COLLECTION

REFERENCE DEPARTMENT

No.

ALL persons are entitled to the benefits of the Library unless debarred by transgressing the rules. Perfect quiet must be maintained. No use of books will be allowed to persons with unclean hands; neither will it be permitted to handle books roughly.

Any injury, mutilation, or defacement of books or other property of the Library, is a violation of the following statute of the State of Ohio:

"Section 6863. Whoever maliciously destroys or injures any property not his own, shall, if the value of the thing destroyed, or the injury done, is one hundred dollars or more, be imprisoned in the penitentiary not more than seven years, or less than one year, or, if the value is less than that sum, be fined not more than five hundred dollars or imprisoned not more than thirty days, or both."

C. P. L. Form 1218-Main. 1m. 12-10.

W
381.5698
P8383 NO 2

AUG 15 1971

TESTAMENTO DE UM SOLDADO.

Depois de velho e doente,
De mil males achacado,
Ao hospital, em campanha,
Foi ter um pobre soldado.

Sentando praça inda môço
Nunca póstos alcançou,
Pois não sendo adulador
Protecções não encontrou.

Ao passo que mil recrutas
Ião tendo promoção,
O nosso —*marcava o passo*—
Sem ser de *butes* no chão.

Independente e brioso
No seo trajar, seo viver,
Tinha uma fé de soldado
Que melhor não póde haver...

Em vista de tantos dotes,
De tanta nota e valia,
E além disso — intelligente,
Porque póstos não sobia?...

Porque?—Por uma stultice,
Que não justifica nada:
Por censurar dos cadetes
A vida alegre e *folgada*.

—Porque rasão, perguntava
A seo sargento—um bebaço:
Hão-de ter estes cadetes
Tamanho desembaraço?

Se alguem s'importasse um dia
Com a reforma militar;
Tinha muito que fazer,
Muito abuso que acabar.

Só p'ra poupar da chibata,
Aos brios tão aviltante,
O cadetinho, o filhóte—
Fique ao soldado distante.

Assim, em vez de ser este
Da patria um heróe, um bravo;
Sciente de si, da lei....
Reduz-se á sorte d'escravo!

Que o diga o sul! quem ca'steve
E não na côrte entretido,
Que de chibatas sem conta!
Que de castigo inflingido!

Viver o pobre soldado
Sujeito a um vil captiveiro,
P'ra matar a humanidade
Ter fama de *guerreiro*.

Além dos muitos abusos
Devidos ao pouco ensino,
Nenhum peor do que este
De tornal'o um assassino.

A causa de taes desmandos,
Da moral a perversão,
Vem de não se dar ás praças
A necessaria instrucção.

Convindo têl-as p'ra sempre
Na obediencia passiva,
Não como homens e livres
Mas como raça captiva;

Distancía-se o soldado
De tudo quanto é saber,
P'ra ignorar os direitos,
Saber só — o seo *dever*.

Mas quem tem a pança cheia
E não sabe o que é soffrer,
Por causa de alheios males
Inimigos não quer ter!

Quem roda em coupè, berlinda,
E vive á custa do Estado,
S'importa lá c'o as miserias
Que soffre o pobre soldado?

Si s'importasse por certo —
Em vez de o julgarem vil...
Julgarião com bem honra
O soldado do Brasil.

Mas que fazer?.. Os ministros
Cheios de contentamento,
Em pilhando as *maiorias*
Governão sem orçamento.

E em quanto discutem *breves*,
Commissões especiaes...
Gesta tua non laudantur
E mil *senecuras* mais;—

O pobre soldado o *soldo*
Recebe sempre atrasado,
E nunca lhe dão a baixa
Depois do tempo acabado!..

Isto devéras contrista
Em vêz da classe animar,
Sem fallar no que tem ella
Dos cadetes aturar...

Odienta separação
Nos companheiros da filla,
Que exalta a muitos sem brio.
E o brio aos mais anniquilla,

E' isto vida que abrace
Quem tem brio e pondunor,
Sem fallar no tratamento
Que, santo Deos! causa horror?

A vida é boa sómente
P'ra os rancheiros e cadêtes,—
Esses sim, pilhão as flexas
Sem atacarem foguetes.

E em quanto o pobre soldado
Aguenta um fogo nutrido,
O cadete na barraca
Fica alegre e divertido.

O que pasma e causa á gente
Magoa, dôr e arrelía,
E' ver depois o *marreco*
Louvado em ordem do dia.

E' isto uma affronta aos bravos
De se ficar bem afflicto,
Tirar-se a gloria a quem tem
P'ra dal-a ao nhonhô bonito.

Ha muitos que são valentes,
Mas os taes da impunidade,
Nada respeitão na vida
Senão a — sua vontade.

A desciplina *p'ra todos*
P'ra estes não tem vigor,
Pois já vi um commandante
D'um cadete adulador.

Por ser filho d'um *graúdo*,
Faça elle o que fizer,
Seduza a filha ao soldado,
Roube de um bravo a mulher;

Tem pai graúdo—acabou-se,
Ninguem tem de se queixar,
E' filho do *Sr. Fulano*,
Póde a tudo atropellar.

E na verdade, inda pasma
Que á luz da civ'lisação,
Voltemos ao feudalismo
Com tão vil adulação!

Que quer dizer um cadete?
P'ra ter da lei isenção!..
Por ter pai este, ou aquelle,
E' mais que outro cidadão?..

Pois estamos nesses tempos
Do famoso feudalismo?
Quando fallão em republica,
Querem nisto autochratismo?

Nem ha lei, segundo cremos,
Fundada em bôa rasão,
Que destrúa a igualdade
No Brasil do cidadão.

E se a Constituição
Estabelece em geral,
Ser a lei igual p'ra todos,
Salva a Familia Imp'rial;

De onde vem o previlegio
Dessa falsa dynastia,
P'ra o filho do official
Ter tão vasta garantia?...

Si nenhuma lei contraria
A'quella póde valer,
Não têm, por certo, cadetes—
Nenhuma rasão de ser.

Sentou praça—é um soldado,
Valha o seo merecimento :
Não prejudique o serviço
O facto do nascimento.

«Pois privilegio de raça
Só a lei um considera,
O da Familia Imp'rial
Que em todo o Brasil impera » (1)

—« Cadete é soldado nobre
O Conde de Lippe—o diz : »
—Mas isso foi no bom tempo
Dos *dons* na testa com giz.

Mas hoje que *o mundo marcha*,
Que nobre é só o talento,
A honradez, a virtude,
O real merecimento;

Hoje que a fidalguia
Sahe da *burra* do plebeo,
E que quanto se é mais rico
Mais fidalgo e mais sandeo;

Hoje, que o mundo reclama
Pela mundana igualdade:
E que a lei a estabelece
Contra bispos, padre ou frade;

Não sei porque se pretende
Afrontar-se o cidadão,
Com esse—soldado nobre—
Talvez filho d'um poltrão !

A não ser isso de ha muito
Eu 'staria official, —
Se o previlegio da raça
Não preferisse em geral.

Porque apezar de serem
Maçons os do governismo,
Em idéas progressistas
Têm muito ultramontanismo.

Eu nunca fui, é verdade,
Desses *bravos* destimidos,
Valentes nas *retiradas* —
Só *pelas costas* feridos ;

Mas tambem não fiz a parte
Do meo bravo capitão,
Que n'um ataque renhido
Usou d'especulação (2),

---

(1) Isto disse eu um dia e applaudido,
Fui por quantos attentos m'escutarão:
Os veteranos recordárão scenas,
Terriveis, sanguinarias e obscenas
Que elles praticárão !

E' degradante até—disserão elles,
Para a classe tão falsa distincção :
S'isso foi lei antiga hoje está nulla,
Pois contra a lei geral não se simula
Tão opposta intenção !

(— Deixo agora ao Sr. ministro
Estas idéas — «lembretes»....
Nas reformas — sem ter fórmas
Risque da fórma os cadetes.)

(2) Meo capitão era um velho
Baixo, pançudo e gaiato,
Mas sempre que havia fogo
Fugia logo p'rao mato.

Fiz sempre quanto podia
P'ra cumprir o meo dever,
E se não pilhei o Lopes
Foi porque—... *não pôde ser!*

Sentei praça inda bem moço,
Tendo por lei isenção,
Porém lá na nossa terra
Não ha lei *sem protecção.*

Minha mãe era uma velha
A' quem sempre respeitei —
Trez irmãs ficarão orfãs
Desde que eu praça assentei.

Ao tenente elle entregando
O mando da companhia,
Foi se deitar muito longe
Sob uma arv're sombria.

Um ajudante que *á toda*
Voava no acampamento,
Ao vêl-o esbarra o cavallo
E lhe diz com sentimento:

—« Que é isto, senhor capitão,
« O senhor aqui deitado?
« Assim é que ganhar póstos
« Quer talvez—tão descançado?

O meo bravo ficou tonto,
Mas vendo ir-se o ajudante,
Creou coragem e a seo turno
O chama no mesmo instante:

—« Olhe, meo caro ajudante,
« P'ra responder-lhe o chamei,
«*Si os postos aqui não ganho*
« *Não perco os que já ganhei!* »

Era eu só—o unico homem
D'aquella casa infeliz...
Mas um torpe seductor
Malsinar-me um dia quiz.

Seduzir tentando outr'ora
Uma irmã que eu possuia,
Como estôrvo a seos intentos
Com bons olhos me não via.

Era elle uma influencia
Da Villa—como *eleitor*,
E da Guarda Nacional
Commandante Superior.

Ao depois n'um certo dia
Dei-lhe uns quatro cachações,
P'ra tornal-o commedido
Nas infames pretenções.

Fugio—correndo o covarde
E sem dar queixa de mim,
Deixou esquecer o facto
Por um anno, ou cousa assim.

Mas irado dentro em si,
Guardando n'alma a vingança,
Mal veio o recrutamento
Me fez prender sem tardança.

Fui prêso ao sahir á noite
Da officina em que jazia,
E ao me ver prêso o malvado
De grande prazer s'enchia.

Bradando qu'era injustiça
Apoz mandou-me algemar,
E da Villa á capital
Com outros fez-me marchar.

Fui conduzido algemado
Como se fôra um ladrão:
Minha mãe, ao saber disso,
Quasi morreo de paixão.

Da Villa jurarão todos
Que eu era um filho exemplar,
Unico arrimo da casa,
Que me devião soltar.

Porém á nada moveo-se
O cadetinho impostor,
Que foi o que recrutou-me
Por *ordem* do meo *senhor*.

Quatorze legoas andâmos
Escoltados quaes ladrões!
Minha mãe morta de fome...
Minhas irmãs d'afflicções;

Até chegarmos cançados
Da Provincia á capital,
Onde o povo admirado
De ver um tamanho mal:

Representou á policia
Sobre tão grande attentado,
E o meo embarque, em seguida
Foi por tres dias sustado.

Levado fui á policia
P'ra as taes averiguações,
O chefe p'ra presidencia
Mandou as informações.

Sabendo disso o verdugo
Para o palacio seguio...
E taes voltas deo á cousa
Que mais que quiz conseguio.

Mais tarde mandou dizer
A'minha irmã,—esse féra,
Que á sua disposição
O chefe então me puzera.

Qu'ella lhe fôsse pedir,
Fizesse uma transacção,
Sem o que 'stava eu perdido
Sem a menor remissão.

Cheia de dignidade
Minha irmã então jurou,
Que jamais fôra d'aquelle
Que a seo irmão desgraçou.

Que a offensa era funda, grave,
E della a vingança então,
Era cuspir-lhe na face
Ao depois d'um bofetão.

Isto foi—*viste linguiça?*
Cheia de brio e valor,
Largou a *bolacha* em cheio
Nas ventas do meo *senhor*.

. . . . . .

Em vez do bruto *muscar-se*,
Como outr'ora fez comigo;
Fez prender a minha irmã
Patenteou-se inimigo.

Julgava o vil desalmado
Que aquella alma virtuosa,
Se prestaria á luxuria
Sem brio, pejo, ou medrosa.

. . . . . .

Foi minha irmã p'ra cadêa
E eu logo apoz embarquei:
Que desespero nest'alma
Dia e noite não provei!

*
* *

Ao chegar do Norte á côrte
Ia tão magro e tão mal,
Que apenas desembarquei
Me mandárão p'ra o hospital.

Sem saber qual a molestia
Que voraz me consumia,
Um velho doutor, qual padre,
Confessou-me um certo dia—

«Meo filho, disse o bom velho,
Tu estás muito doente,
Porém teo mal, filho meo,
Não se me torna patente;

Creio que um grande desgosto
Traz a tu'alma abatida,
E por isso é necessario
Que me contes tua vida.»

Contei-lhe então com verdade
A minha vida e prisão:
E o velho—pasmo de ouvir-me
Me disse com compaixão:

—Meo filho,—tem paciencia,
Não desesperes da sorte,
Eu vou fallar aos collegas
P'ra tu voltares p'ra o Norte!

E receitando-me amargos
E cousas refrigerantes,
Mandou que o meo enfermeiro
Me desse bifes—bastantes.

Esperançado de em breve
Voltar ao minho querido,
D'ahi a trez dias soube
Que doutor tinha morrido.

Senti tanto a sua perda,
Chorei tanto e de tal sorte;
Que admirou-se o enfermeiro
De ver tamanho transporte.

Sabendo apoz o motivo
Porque chorava o doutor,
Da minha tristonha historia
Fez sciente o director.

Este fallou ao ministro
De um modo tocante e serio...
Mas ah!—d'ahi a dous dias
Levou quéda o ministerio!..

*
* *

D'ahi a dias um medico herbolario,
Que era do grande partido decahido,
Julgou que eu fôra um voto adversario
A'quelle que me havia perseguido.

E p'ra vingar em mim o accidente
De ver os seos pavões sem mais poleiros;
Deo-me alta, e lá fui convalescente
P'ra o primeiro batalhão de fuzileiros.

*
* *

Ah ! quem disséra lá'stavão
Patricios meos recrutados,
Que apoz de mim, desgraçados,
Punirão por minha irmã :

O commandante irritado
Por ver-se assaz odiado,
Vingou-se em fazer soldado
Com frenezi e c'o affan.

Soube então delles, coitados,
Do que mais aconteceo :
— Minha mãe apoz seis dias
Depois que eu vim falleceo ...

Foi tal a triste impressão
Da sua dôr e afflicção,
Que toda a população
Ao funeral concorrêo.

Minha irmã, que fôra preza
Foi ao jury conduzida,
E máo grado a meo verdugo
Foi de todo absolvida .

As familias tinhão dado
Para ella advogado,
P'ra não verem nesse estado
A virtude perseguida .

Dizião que o meo verdugo
Tinha o jury já comprado.
Que gastou quatorze contos
Em votos e advogado :

Porém sabendo a defeza
Quaes os *manos embollados*,
Recusou-os a um por um...
Que vergonha!—que jurados!..

Minha irmã absolvida
Foi por unanimidade,
E o Presidente do Jury
Mandou pôl-a em liberdade.

E condemnando nas custas
A tão relapso author,
Julgou-o da acção proposta
Ou peor — carecedor.

As familias que alli'stavão
Derão bravos de louvores ;
E por sobre minha irmã
Atirárão muitas flôres.

E cheias de enthusiasmo
Dando vivas com alegria—
Minha irmã acompanhárão
Té a casa de minha tia.

Soube então o presidente
De toda a trama a funcção,
E ordenou a meo verdugo
De dar sua demissão.

E como o grão commandante
Mostrou-se audaz não querer,
Mandou-lhe instaurar processo
Por das leis elle exceder .

E o suspendendo das honras
Para a côrte officiou,
Donde a sua demissão
O governo lh'a mandou.

. . . . . .

Mas, que valeo tudo isso?...
No serviço
Fiquei preso até morrer...

Embora eu fôsse estimado,
Desgraçado
Foi sómente o meo viver!

Ditoso só fui na Côrte,
Quando a sorte
Foi mais propicia e feliz...
Quando a *creoula* esperava
Que lá no campo lavava,
E os mimos della gosava
No tanque do chafariz!...

Ah! campo de Sant'Anna! quem me dera
Voltar de novo ás tuas noites bellas!
No tempo em que as mulatas e as creoulas
Fazião junto a nós suas barrellas!...

Ai campo de Sant Anna! que saudades
Desses tempos da tua escuridão!
Quando apenas mortiça luz te dava
De azeite de peixe o lampeão!

Ah! que tempo feliz! que bellas noites
Aquellas em que o azeite se poupava
Em que nascendo a lua promptamente
O lampeão de azeite se apagava!

Ah! que tempo feliz!— que bellas ceias,
De arroz com camarão, ou de cangica!
A gente ao recordar-se desses tempos,
Com raiva do progresso quazi fica!

Que barata era a festa! a toda a hora
Vendia a quitandeira milho assado,
O bom pé de moleque, a rapadura,
O aipim cosido e o mendobi torrado.

E o caldo de cana á meia noite,
Tão quentinho com o rala de vintem;
Como tudo era bello! ah! que saudades
Das «pamonhas» a boca inda não tem!

Porém tudo mudou! até a Igreja
De tantas tradicções que deo-lhe o nome,
Foi p'ra «cadeia nova» c'o as barracas
Deixando só no campo os — lobishome.

Ah! bom tempo foi esse! A's nove horas
Cada bico ja tinha o seo morrão?
E quasi vai não vai, morre não morre,
Propicia se tornava a escuridão....

* * *

Fui mandado para Minas
Voltei á côrte ao depois;
Depois 'stive em Pernambuco
No ataque do dia dois.

De lá voltei para a côrte
E como audaz e taful;
Por causa do Sr. Urquiza
Cá vim c'os ossos p'ra o Sul.

Já d'antes cá tinha andado
Pela guerra dos *farrapos*,
Onde acabamos c'o a troça
A' cabeçada e supapos.

Fiz a campanha do Rosas,
Bati-me em Monte Caseros,
E não é por me gabar,
Tive elogios sinceros.

Em vez de ser premiado
Com um posto e não medalha,
Me derão *zinco* por premio
Como premio da gentalha.

Passagem de companhia
Pedí logo incontinente,
Levando apenas saudade
De um meo amigo, o tenente.

E quando eu, bem descançado
Na côrte já era pai,
Vim parar á Paysandú,
E depois ao Paraguay.

Aqui fiz toda a campanha
Até *Perrhebebuhy ;*
E não sendo promovido
Inspecção quiz ter aqui.
E como inda m'a negárão,
Com cynismo sem igual,
Recolhi-me sem *lambança*
Bem calado ao hospital:

Comprar pertendo com ouro,
Filado a muitas guayacas
De paraguayos já mortos,
— Uma das mortes macacas.

Vim ter ao hospital fingi ter febre:
Dos hospitaes não ha quem não celebre
O asseio, a limpeza, o rigorismo
Porém, quem não lamenta do soldado,
O tristonho abandono desgraçado
Ao lado do empyrismo !

Atirado qual fardo á enfermaria,
Eu aqui me fiquei c'o alma tão fria
Como não explicar podia então :
Chegou o enfermeiro—que pedante
Que cara de cavallo petulante !
Com ares de trotão!

O que tem camarada, o que é que sente!..
E nisto um grande bafo de agoardente
Me largou e cigarro no nariz:

—« Amigo tenho febre, dôr de um lado,
A lingua aspera e secca... meo estado
Me parece infeliz!...—

—«Qual! não creia. Deixe ver a sua lingoa,
Aqui no acampamento póde á mingoa
Morrer-se sem dizer-se um ai Jesus;.
Vou mandal-o passar p'ra aquelle quarto,
Alli você 'stará de ar bem farto
Terà pertinho a luz. —»

E foi jogar o tratante
Não sei que jogo matreiro,
Sei que voltou fumegante
Por ter perdido o dinheiro.

Chamei-o, e dei-lhe trez onças:
—« Jogue por mim e você;
Amanhã me dará contas,
Que jogo é ?....
—*Lansquenèt.*

. . . . . .

No outro dia, ás dez horas,
Chegou o *pai da sciencia*;
Era um doutor tão casmurro,
Que s'aquelle não fôr burro
Tem o burro intelligencia !

Contractado por dinheiro,
Tinha horror á epedemia :
E da *chinota* mais bella,
'Stando c'o a febre amarella,
Não se chegava—nem via.

—« Você tem febre me diga,
Não m'engane, tem ou não?..»
Olhem que doutor camello !
Em vez de arminho traz pello,
E peor que um charlatão !

E abrio o formulario, olhou-me a furto
Como quem os signaes consulta lendo;
Depois lá resmungou comsigo o bruto,
Nao sei o que—nitracto de bismutho,
E eu de fome sómente me torcendo.

—Si tem febre me diga, não me engane—
— 'Stou por ella doutor, bem devorado !...
—Então.... caldo e dieta.....
—Tenho fome...
—Pois não come.....
Nem seja mal creado.»—

E saffou-se. A's duas ou trez horas
Veio um caldo não sei de que fervura :
Fôra a agoa fervida, isso eu jurára,
Mas fervida a sonhar com a gordura.

Após... dieta completa
Qual de doente nenhum :
Porque se aquillo é dieta
Eu não sei o que é jejum !

Em quanto a mim se fazia
Como ao cavallo o inglez,
O enfermeiro comia
Por mim, por dois, ou por trez

Chamei o enfermeiro e disse a rir-me,
Por ver que sahia c'uns cadêtes:
—« No dia em que me der cousa qu'eu coma
Mandarei atacar quatro foguêtes.» —

Elle ficou mais confuso
Do que um fuso,
Quando torcido desanda:
Não ficára mais buçal,
Original,
Um pimpôlho de Loanda !

—Você come, enfermeiro ?
—Algumas vezes...
—Carne de frango, ou de rezes?
—Ora esta !....
—Ai ! mal vae a festa,
Se te zangas, patrão,
Com teos freguezes !....

O pedante olhou em volta
E com modo surrateiro
Me disse : — Hontem á noite
Ganhamos muito dinheiro !
Trezentas onças pilhamos
E duzentos soberanos...
A tua metade toma
Que eu vou arriscar c'os manos.

Vais comer mais do que um frade,
Beber mais do que um polaco...
Dormirás mais do que um burro,
Mas o teo doutor casmurro
Si souber —dá o cavaco...

— D'aqui dez onças te dava
Si tu quizesses, arteiro,
Auxiliar um projecto
Que tenho... tu és discreto ?..
—Sempre fui vendo dinheiro.

. . . . . .

Tractei então c'o enfermeiro
P'ra dar-me por fallecido,
A troco de um bom cartucho
De soberanos, comprido.

O malandro que queria
O cobre para jogar,
Enganou o meo doutor
Que nem foi me examinar.

Apenas soube que a peste
Me atacára com valor;
Da porta da enfermaria
Sentio logo o meo fedor !...

—Levou tempo a sua morte ?
Foi medonha ou de momento ?
—Morreo a vazar-se todo—
Me mostrando o *testamento*.

—Aqui deixo p'ra vocês—
Me disse elle em despedida:
Partilha com o doutor
Estes *adeoses* da vida !

* * *

Eil-o aqui stá : falta o sello
E p'ra não fazer partilha...
Vou propôr-lhe a nullidade
Porque lhe falta a estampilha.

—Não procede a nullidade
Aqui se dispensa o sello...
Então meo caro—os legados
Dividerêmos com zêlo ?...

Ninguem soube do mais.—Creo o doutor
Que eu morto 'stava alli bem tezo e frio;
Porem mal fôra elle dando as costas
Soltou o enfermeiro um assobio ..

. . . . . .

O que mais se passou isso é mysterio...
Mas, para não disconfiar o meo leitor,
Saiba que m'escapei—todo á paisana,
E encontrei-me na fuga c'o doutor.

TESTAMENTO

Em nome de quantos frades
Dormem fóra dos Conventos,
E gosão vida folgada
E milagrosos momentos ;

Em nome de quantas freiras
Suspirão de madrugada,
Pela vida tão fagueira,
Tão ditosa, de casada ;

Declaro que aproveitando
A ausencia do acampamento,
Vou dispôr do que me resta
Neste parco testamento.

Serão—meos testamenteiros
O doutor e o enfermeiro,
E se estes não quizerem
Do cemiterio o coveiro.

E quem tomar a prebenda
C'o a mira nos bens deixados,
Roube tudo—mas respeite—
O meos seguintes —

— LEGADOS —

Deixo a minha gravata que é de couro,
Aos que buscão á classe só desdouro.
As correias mui brancas e lustrosas,
P'ra cintas das chinotas tão dengosas.
Deixo a velha reúna sem adarme
Ao poltrão que ao inimigo deo alarme.
E o capote já velho e bem furado,
Ao major que fugio muito apressado.
Deixo o refe ou terçado e a bainha,
Ao sargento bebaço—o grão Boquinha,
A minha espingarda—que é de agulha,
A quem d'ordens do dia come a pulha.
Deixo o meo barretão, sem os metaes,
Aos pichotes dos guardas nacionaes.
E o meo cinturão grande e maior,
P'ra apertar o pançudo do major.
A minha gelatina de sorvetes,
Deixo aos moços mimosos, os cadetes;
E a marmita—a caneca e as colheres,
Ao sargento—que é tudo d'um alferes.
Deixar ao commandante é meo desejo
Uma caixa de soldados p'ra manejo.
Ao fiscal deixo o meo jogo de dados,
P'ra tiral-o dos seos muitos cuidados.
Deixo a minha tarimba que é de pinho,
Ao cabo a quem quebrão-lhe o focinho.
Deixo minha escovinha de latão,
P'ra escovar o bigode ao capitão.
Minha calça já rota e sem fundilho,
Deixo do acampamento ao andarilho.
Meos sapatos, quaes chancas ou faluas,
Deixo para embarcar essas perúas;
As meias, já bem pretas e sebentas,
A's paraguayas porcas e nojentas.
As polainas, por baixo já roídas,
Para fazer-se fios p'ras feridas.

O baralho de cartas de meo socio,
O enfermeiro tratante e capadocio;
Deixo ao cabo de esquadra Nicoláo,
Para roubar, como sempre, no pacáo.
Como nunca joguei—por medo ao vicio
Furto as cartas e as deixo *em beneficio*.
Deixo com bem saudade minha farda
A' negra Damiana que s'enfarda
P'ra dar ao *peixe gallo* esse impostor,
Que deixou a mulher e é seductor.
Deixo a minha camiza bem suada
A' quella que jamáis foi namorada
O que ha mais lá no Rio de Janeiro,
Deixo a um grande velhaco e caloteiro,
Que qual marca de Judas pequenino,
E' peor que o ladrão, que o assassino.
Deixo minha luneta de deboche
P'ra mirar d'uma dama certo broche,
E quando a vêr lampeira e mui fingida
Com ares de donzella, mui sentida,
Perguntar si inda crê na Damiana,
Mormente quando tem tomado cana.
Pois á crer, como diz na tal negrinha,
E' verdade a historia da Prainha;
Com certa mulatinha d'um sobrado
Por têl-a o *Zé Maria* abandonado
Deixo os oculos vesgos ao *Fressura*,
P'ra pôr agoa na força da fervura.
E um pente que foi de minha avó
P'ra pentear a cabeça do *coyó*.
As luvas de algodão deixo ao doutor
Que de tomar o pulso tem temor:
E o velho cobertor de grossa lã,
A beata fingida—sua irmã.
Deixo tambem um sacco de baeta
Para um coque fazer p'ra velha preta
Que levava os recados da menina
Ao jagodes parado na outra esquina.
Patrona muxila e embornal,

Ao enfermeiro aqui deste hospital
E por me sentir fraco neste instante
Com um frio nos pés horripilante
Julgo que é bastante
Pois já sei que morrendo o meo dinheiro
Ha de fillar-me o bruto do enfermeiro.
Perdôem meos antigos companheiros
Do primeiro batalhão de fuzileiros,
E por não lhes deixar nada
Deixo-lhes as guardas, e enterros,
As procissões e as massadas
Das—estupidas paradas.

Em nome de Deos—Amem.
Passem todos—muito bem!

PANCRACIO IGNACIO DO JOSE' BONIFACIO.

Rua da Alfandega 369.

VENDE-SE NA MESMA LIVRARIA

Cantos e prantos (poesia)	1$000
D. Nuno Peres de Faria	500
Principe Cyrillo	500
Amor fatal	1$000
Corsario por lord Byron	1$000
Roberto do Diabo	500
Princeza Magalona	500
Astucias de Bertholdo	500
Livro dos sonhos	640
Mensageiro dos amantes	2$000
Donzella Theodora	400
João de Calais	500
Lyra de Apollo	1$000
Confissão de Vicente Marujo	320
Imperatriz Porcina	400
Diccionario das flôres	500
Disputa de mulher com marido	200
A judia e o Noivado do sepulchro	200
Maldade das mulheres (poesia)	500
D. Pedro que viajou sete partes do mundo	500
Conto das fadas	1$000
Galatéa	500
Paulo e Virginia	2$000
Disputa da agua com o vinho	500
Historia da bella e da féra	200
Ciumes do bardo	200
Cantor d'aldeia (poesia)	500
Um alho, scena comica	200
Historia de um marinheiro, dita	200
Cerração no mar, scena dramatica	200
Fui ver a festa da Penha	200
Emquanto o bond não parte, dita	200
Historia de Carlos Magno	2$000
Luziadas de Camões	1$000
Faz-me favor de seu fogo	200